

# No tédio e na miséria, índios ainda esperam proteção

Osmar Gomes

**JOSÉ BOITEUX** — Os mais de 300 índios xoclengues que habitam a aldeia Bugio, uma das que pertencem à reserva Duque de Caxias, vivem no total descaso e entediados. Para se ter uma idéia, de acordo com um dos líderes da comunidade, José Cuzagn Ndili, conhecido entre eles por "Zeca", de 27 anos, a Funai não os assiste há mais ou menos três anos. O problema mais grave está no setor de saúde. O único posto de saúde que eles têm à disposição fica em José Boiteux, distante 42 quilômetros.

As vezes, torna-se necessário descer a pé, por uma estrada sem pavimentação, toda esburacada, quando há um caso grave de doença. O trajeto, neste caso, é feito em dez horas. As soluções são ainda os chás de plantas consideradas medicinais.

O serviço odontológico não é prestado. A maioria dos índios, tanto adultos quanto crianças, mostra a arcada dentária superior toda cariada. O consumo de açúcar é muito alto, principalmente para adoçar o café.

A falta de higiene entre muitas das famílias também é notória. O piso de barro batido, em algumas casas, contribui para aumentar a sujeira.

Ndili comenta que o índice de mortalidade infantil não é alto. Sendo raro, também, adoentarem-se algum dos índios adultos.

O controle de natalidade é feito com chá de guiné, segundo a mulher de Ndili, que não citou o seu nome. Segundo ela, é raspado o caule da planta, encontrada na mata da região, e o produto deixado de molho durante três dias. Após esse período, é tomado em jejum. Ela



O abandono tem as crianças como as maiores vítimas

tem três filhos. A média, por família da Bugio, é cinco filhos.

Os xoclengues da Bugio reclamam da atuação do vereador Elpidio Priprá, representante deles na Câmara de José Boiteux. "Ele não fez nada até agora", denuncia Ndili, acrescentando que o prefeito da cidade e o "Funrural" (órgão extinto) são quem lhes auxiliam financeiramente e até fornecem ônibus para transportá-los da aldeia à cidade ou vice-versa. Quando chove, Ndili lembra que eles ficam totalmente isolados porque as estradas que dão acesso a José Boiteux ou a Victor Meirelles se tornam intransitáveis. Outra forma de irem até as cidades é a "carona" dos caminhões transportadores de madeira. As vezes, eles ficam em cima das toras, correndo o perigo de cair.

## PERDA DE IDENTIDADE

O tédio toma conta das famílias, que já não mais se ocupam do artesanato, por exemplo. O índio mais velho da aldeia, Vanhecú Patté, que, pelo registro oficial, fará 94 anos em julho próximo, frisa que até tenta ensinar os mais "novos" a fabricar roupas e cobertores como sua mãe e pai faziam, "mas ninguém quer aprender". Os xoclengues ainda cultivam o costume de produzir os arcos, flechas e lanças, para venderem em José Boiteux, Victor Meirelles ou Ibirama.

A língua original não é mais falada. As crianças preferem não aprendê-la, dizendo que é muito difícil. É o caso dos meninos Edson Ndili Krendo, dez anos, e Ananias Klendor, também dez anos. "Eu acho muito difícil",

disse, timidamente, Ananias. Mas o amor à terra parece que existe. Muito, convictos, respondem que gostam mais dali porque é a terra deles. "Não vamos sair daqui nunca", frisa Ndili.

Puxando dois carrinhos que ganharam dos seus pais, à beira da estrada, os dois, amigos, dizem que preferem estudar a brincar. Mas também vão à igreja, onde eles "oram para o Senhor do céu", embora adorem mesmo é cantar.

Há uma escola de 1ª a 4ª séries na aldeia Bergio São duas professoras, índias, contratadas pelo município e pelo Estado, de acordo com Ndili.

Se não há um posto de saúde, o que não falta é igreja. Atualmente, apenas a Igreja Evangélica Assembléia de Deus tem um

templo, de concreto, na aldeia onde as casas são todas de madeira. Antes existia outra, cujo prédio foi destruído pelo líder que, dizem, ficou louco.

Eles plantam, principalmente, feijão, milho, batata, alipim e abóbora. As queimadas aparecem em várias áreas da localidade. A índia Marlene Patté, 32 anos, que tem cinco filhos, esperava por um caminhão para descer até a cidade em frente a um terreno queimado recentemente. Ela diz que a queimada foi feita há três meses e acusa uma empresa de Ibirama como responsável. Lembra que o terreno, pelo "mapa", pertence aos xoclengues. "Antes os índios não eram inteligentes. Agora, sabem ler e escrever", justifica a perda da área.

## PATERNALISMO

De um modo geral, o que se percebe é que os índios vivem em função do "dinheiro da barragem", indenização pela ocupação de suas terras. Isso acarreta no aumento do tédio. O vice-cacique da aldeia — o nome não foi citado —, inclusive, é alcoólatra. Quinta-feira, no início da tarde, ele estava totalmente embriagado, conforme algumas xoclengues.

O primeiro contato com "os brancos", de acordo com Ndili, o que confirma o seu avô, Vanhecú Patté, aconteceu em 1914. Nesta ocasião, os xoclengues teriam sido capturados pelos eventuais colonizadores. Desde então, há a perda de identidade. Hoje, declaradamente consumistas, a situação é agravada porque eles ficam à mercê do paternalismo, cuja proteção não é dada.



Elas crescem sem identidade cultural e sem esperança



Vanhecú testemunha o caos

## Ancião confirma a mudança de hábitos

**JOSÉ BOITEUX** — Essa perda total de identidade é confirmada pelo índio mais velho da aldeia Bugio, Vanhecú Patté. A idade dele é um tema discutido entre os sete filhos, 42 netos, 57 bisnetos e trisnetos que nasceram e ele nem sabe ainda, conforme a filha Marlene Patté, 32 anos. Por intermédio de um documento, ele tem 93 anos e vai fazer 94 no dia dois de julho próximo. A filha diz que ele já passou dos 120 anos. O neto, José Cuzagn Ndili, 27 nos, fala que o avô tem 115 anos.

Vanhecú Patté mora com a mulher, Amendô Patté, de 78 anos (oficialmente), e duas bisnetas. A casa da frente, em melhores condições, não é usada. Preferem a que tem o piso de barro batido, sem higiene.

Pouco ele fala de sua infância e adolescência, quando, provavelmente, não tinha o contato com os "brancos", porque, pelo que relatou, isso veio acontecer em 1914.

Os costumes, os hábitos e o sistema social começaram a perder a partir dessa época. Para se ter uma idéia, hoje eles frequentam a Assembléia de Deus e não sabem diferenciar as mitologias. Vanhecú apenas reflete: "o diabo que existe na igreja (templo), eu via no matão".

Vanhecú diz que tenta ensinar aos mais jovens a língua, mas ninguém quer aprender, assim como o artesanato e a fabricação caseira de roupas e cobertores.

Quando ele canta na língua xoclengue os "mais novos" o chamam de bobo. "Eu digo —



Amendô, mulher de Vanhecú, trabalha e mantém o silêncio

bobo é tu. Os italaianos, os alemães, os polacos, os portugueses cantam na língua deles, e nós também precisamos cantar na nossa".

O que mais ele reclama é a falta de alimentos. A todo momento, repete que come polenta "pura", feijão "puro", o que quer dizer que eles não têm uma diversidade maior de produtos no prato. "Antes tinha muita carne. Matavam porcos do mato, pacas e bugios. Hoje, os bichos acabaram. Não temos mais carne", lamenta.

Anteriormente à aposentadoria (por intermédio do extinto Funrural), Vanhecú recorda que não faltava nada. O medo maior dele é passar fome.

Apesar da radical mudança no hábito alimentar, até hoje Vanhecú não come arroz, "porque não tem gosto nenhum", e muito pouco sal põe na comida e até na carne, quando a tem. Gosta muito de açúcar, como todo o restante da aldeia.

Ele e sua mulher, quinta-feira pela manhã, preparavam os ar-

cos, flechas e lanças — não para uma eventual guerra entre tribos — mas para vender em Blumenau, ontem no Calçadão da rua XV de Novembro. Quando falta o dinheiro, eles descem até José Boiteux na tentativa de vender o artesanato "para comprar carne, açúcar...".

Próxima da sua casa há plantação de feijão, batata e milho. Vanhecú disse que poderia ter plantado mais se não tivesse ficado "na barragem". Sua mulher, Amendô, não fala quase nada, deixando clara a dominação do marido.

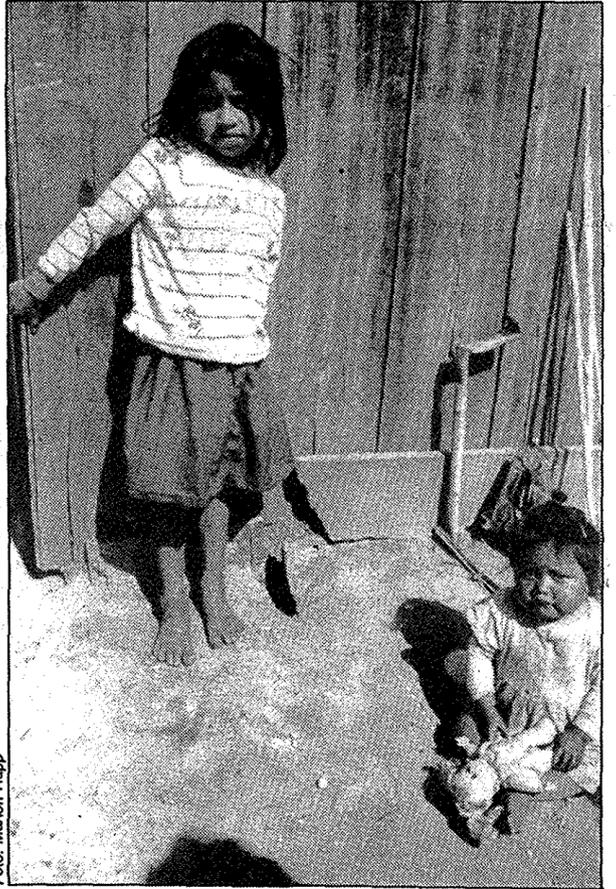
Mas ele reclama que ela não faz e já se esqueceu de como se fazem os cobertores com o "ticum" (como é a pronúncia), uma espécie de vegetação do local, na Serra das Abelhas. E para todos que vão até a sua casa, logo no início da aldeia, caso chegue pela estrada iniciada em Victor Meirelles, ele não se sente intimidado nem um pouco para pedir "dez cruzeiros para comprar uma galinha".

## Miscigenação faz população da aldeia crescer

**JOSÉ BOITEUX** — Em meio aos índios xoclengues, na reserva Duque de Caxias, percebe-se a convivência de "brancos" e índios de outras regiões do País, provenientes principalmente do Paraná. Segundo dados oficiais, trata-se da única reserva onde há o aumento de população. Os líderes das comunidades dizem que o contingente total é de 1177 pessoas. Mas dados de órgãos oficiais apontam mais de 2 mil.

O próprio Vanhecú Patté, de 94 anos, o índio mais velho da aldeia Bugio, confirma a convivência com "brancos" e índios de outras regiões, que muitas vezes se casam com as xoclengues e têm filhos, permanecendo na aldeia.

A espera do paternalismo para a sobrevivência. Esta é a marca da tribo, transmitida para as crianças, que a carregarão para o resto da vida.



## Tribos ocupam parque florestal na fronteira

**CHAPECÓ** — Apesar das chuvas na região, os cerca de 2.500 kaingangues e guaranis de Nonoai, região do Alto Uruguai, no Rio Grande do Sul, quase na fronteira, com Santa Catarina, comemoram dia 15, os mais de dois meses de ocupação do Parque Florestal de Nonoai, contíguo à reserva indígena. Os índios afirmam que mesmo em caso de decisão contrária da Justiça, irão permanecer no local, que segundo eles, pertence legalmente aos kaingangues desde o início do século. O parque ocupa 17.500 hectares, sendo cerca de 9.000 de superfície coberta por matas nativas, com diversas árvores nobres como cedro, araucária, angico, abriúva e outras. O parque florestal foi ocupado dia 14 de fevereiro, quando 150 índios entraram no parque, cuidado por 11 guardas florestais do Estado, sob a alegação de limpeza do cemitério indígena existente na área. Dali não mais saíram. Com a chegada de outras lideranças indígenas, formaram-se novos acampamentos. Mais de 600 kain-

ganges estão em diferentes pontos do parque. Devido às dificuldades de sobrevivência no parque, as más instalações e doenças, e com a chegada na época de colheitas nas reservas, a maioria dos índios voltou aos locais de origem. Conforme o cacique José Lopes, os índios formaram uma guarda florestal indígena, composta por 45 homens das aldeias chamadas Bananeiras e Pinalzinho, para patrulhar, a pé e a cavalo, pontos estratégicos do parque. O cacique assegurou que, a contrário de algumas notícias, são os próprios "brancos", inclusive pessoas da antiga Guarda Florestal, que abateram árvores no local. A Guarda Indígena, segundo ele, controla e prende estranhos e caçadores intrusos.

José Lopes afirma que ainda permanecem cerca de 100 homens no parque florestal além da intensa circulação de mulheres e crianças, que retiram pinhões, ervas medicinais e comestíveis e material para confecção de artesanato (taquara, bambu e cipó)

"O governador Alceu Collares disse, diante de autoridades, que iria devolver as terras aos índios e nós só estamos dentro do que é nosso, e o que o governador disse que é nosso", arremata o cacique.

Desde o início do século, governos estaduais do RS extinguíram três áreas indígenas no estado: Toldomonte Caseiros, Serrinha e Ventarra, totalizando 3.656 hectares. Hoje, a reserva de Nonoai ocupa apenas 14.910 hectares, e é habitada por 2.500 kaingangues e guaranis. Através dos tempos, e com a crescente invasão de "brancos", os índios de Nonoai tornaram-se sem terra em sua própria terra. Em 1978, quando foram retirados mais de 800 colonos "brancos" da reserva, havia apenas 1.800 índios. A terra, sem falar na questão de usos e costumes, encontrava-se devastada. Hoje, há cerca de 15% de mata nativa e boa parte ainda é coberta por capoeira e cobertura verde ressurgente. Originalmente, em 1911, Nonoai possuía 34.908 hectares.